

# O desabrochar da Rosa

**Rosa Maria Mororó**, 51 anos, trabalhava em órgão público há quase 20 quando repentinamente teve de encarar um diagnóstico de câncer de mama. Mãe de dois filhos e avó de três, conta que não se orgulha de como levava a vida antes da doença. Doava-se integralmente aos cuidados com a casa, não praticava nenhum exercício, alimentava-se mal e vivia desde a adolescência às sombras da angústia, insegurança e depressão.

Apesar dos maus hábitos, nunca deixou de realizar os exames periódicos anualmente e os resultados eram sempre bons. Contudo, em 2016, por meio de uma ecografia, o médico notou a presença de um pequeno nódulo e alertou Rosa de que ele deveria ser acompanhado.

A próxima consulta, porém, aconteceria somente no ano seguinte. Mas, meses depois da visita ao médico, Rosa teve um sonho em que acredita ter recebido um alerta. “Eu estava com uma dor na barriga, por ter feito alguns abdominais e, no sonho, escutei uma voz que falava que na barriga não era nada, mas que o meu peito me daria um pouco de trabalho. De acordo com o que eu acredito, o Espírito Santo falou comigo.”

Rosa acordou preocupada e logo se lembrou dos exames que havia feito tempos antes, passou a apalpar a mama esquerda, no entanto não notou a presença de nada diferente. “O nódulo que apareceu na mama esquerda durante o exame era minúsculo, milimétrico, muito pequeno e sem formato suspeito.”

Em junho de 2017, Rosa voltou ao consultório para repetir o exame e, mais uma vez, foi tranquilizada pelo médico, que a informou que o nódulo não havia crescido e estava exatamente igual. Desinquieta, porém, com o que havia escutado no sonho, explicou a situação ao profissional, que concordou em fazer um exame específico para que a paciente pudesse dormir tranquila.

Em uma segunda-feira de manhã, no mês de agosto de 2017, recebeu a notícia que tanto temia. “Recebi o resultado ‘nódulo ductal invasivo grau 3 — carcinoma’. Fui pesquisar e descobri que era um câncer, então veio aquele momento em que eu perdi o chão e fiquei emotiva.”

Rosa acredita que os fatores emocionais contribuíram diretamente para que a doença se manifestasse em seu corpo. Recebeu a notícia de que estava com a doença dois anos após o divórcio



de um casamento de 26 anos. “A minha alma era triste, então o meu corpo gritou. Nenhuma mulher da minha família havia sido diagnosticada com esse câncer antes, eu fui a primeira.”

Rosa conta que, à época, tinha acabado de iniciar um namoro e que o parceiro, Sávio Mororó, 58, foi essencial para que pudesse superar a doença com sucesso. “Eu não sabia como contar para ele. A primeira esposa, com quem ele conviveu por muitos anos, faleceu de câncer de mama e eu cheguei na vida dele pouco tempo depois. Imaginei que ele não aceitaria passar por isso novamente.”

Sávio não desistiu da relação; muito pelo contrário, declarou que a entregaria total apoio. Apenas dois dias depois do diagnóstico, fizeram uma união estável para que Rosa pudesse ter direito ao plano de saúde do companheiro. Ela conta, orgulhosa, que em todas as consultas e nas sete cirurgias, Sávio se fez e se faz presente ainda hoje.

## Um pós de descobertas

Desde o diagnóstico, Rosa imergiu em uma jornada de autoconhecimento. Logo que as sessões de quimioterapias começaram, passou a visitar nutri-

cionistas e psicólogos, mudando a forma de se alimentar e abordando na terapia não só as reflexões sobre a doença, mas sobre tudo que a atormentava anteriormente e que antes acreditava ser normal.

Todas as distrações que pudessem contribuir para o sucesso do tratamento foram aceitas. “Em meio às cirurgias, eu fui autorizada pelo meu médico a viajar. Fazia parte da terapia, eu esqueci que tinha tratamento, esqueci que estava com cirurgia marcada.”

Durante a árdua trilha do tratamento, o inchaço no corpo se tornou evidente e, mesmo com a alimentação monitorada, Rosa teve sobrepeso, então as caminhadas e os exercícios leves faziam parte do dia a dia, enquanto a quimioterapia acontecia.

Após as cirurgias para reconstrução da mama e colocação das próteses, Rosa teve complicações e o emocional, que estava ótimo, acabou abalado novamente. “Eu tive uma infecção e foi necessário retirar a prótese da mama esquerda. O meu emocional fraquejou naquele momento, porque mexeu bastante com a minha autoestima.”

A última cirurgia para reconstrução aconteceu em 4 de setembro de 2022 e, agora, Rosa faz fisioterapia, consultas periódicas de acompanhamento e frequenta academia, além de participar do projeto Canomama, voltado para mulheres que tiveram câncer de mama. “Eu era outra pessoa antes. A tristeza me consumia, minha alma era abatida e o meu corpo gritou, ficando doente, então eu tive que curar a minha alma para curar o meu corpo.”

Hoje, Rosa leva uma vida completamente diferente da que costumava ter. “Eu sou cheia de cicatrizes no corpo, mas sinto a minha alma curada. Quero falar para outras mulheres, que podem ter adoecido também pelo estilo de vida que levavam, para se revigorarem, se reinventarem e entenderem que são novas pessoas, com uma nova oportunidade dada por Deus.”

Para além das atividades físicas, da alimentação saudável e do remo no lago, Rosa, ao lado do esposo e da cadelinha Megan, descobriu uma nova paixão: viajar. Juntos, compraram uma Doblô, onde montaram uma cama, anexaram um fogão e uma minigeladeira e fazem pequenas viagens. “Eu já conheci vários lugares, O Cânion do Xingó, o Rio São Francisco, Porto de Galinhas. A gente dorme dentro do carro, em postos de gasolina e estacionamentos.”

A tristeza era um sentimento tão corriqueiro na vida de Rosa, que todos que a conheciam antes da doença se admiram com a mulher em que ela se converteu. “Minha amiga brinca que antes eu era uma rosa murcha e que agora sou uma rosa que, finalmente, desabrochou.”